

FESTIVAL/São Paulo

Videobrasil a caminho da internacionalização

Além de manter o espaço para os independentes, o evento deste ano recebe especialistas europeus, para discutir possíveis co-produções e coordenar datas de festivais

Mário Nery

Especial para o Estado

Em sua sétima edição, o Festival Fotóptica Videobrasil — aberto oficialmente ontem em São Paulo, às 21h, no Museu da Imagem e do Som — prepara-se para cumprir novo papel. Além de abrir espaço para a divulgação da produção independente nacional, como nos anos anteriores, o evento tem como proposta, a partir de agora, atuar como trampolim para a projeção internacional da videoarte brasileira.

O passo decisivo no caminho da internacionalização é a presença, no evento, de responsáveis dos principais festivais, emissoras alternativas e produtoras independentes da Europa. Entre os convidados estão representantes das emissoras **Channell Four** (Inglaterra), **Canal Plus** (França), **Radio e Television Belge de la Communauté Française** (RTBF, Bélgica), das produtoras **illuminations** (Inglaterra), **Ex-Nihilo** (França), e dos festivais de **Montbéliard** (França), **World Wide** (Holanda) e **Ondavideo** (Itália). Segundo Solange Oliveira, coordenadora do Videobrasil, são três os objetivos da visita dos europeus: conhecer a produção nacional, organizar um calendário em que as datas de festivais não coincidam (permitindo uma itinerância de vídeos em todos) e discutir possíveis acordos de co-produção entre realizadores de vídeo, TV e cinema.

“Até o ano passado, os videomakers brasileiros produziam especialmente para o Videobrasil”, diz Solange. “Daqui para a frente, vão preparar seus trabalhos de olho no mercado internacional.” Outro objetivo é trazer a experiência europeia de intercâmbio entre videoarte e TV comercial para o Brasil: “Lá há mais espaço para a veiculação de vídeos de vanguarda na TV”, afirma Solange. “Existe uma integração permanente, por exemplo, entre o Canal Plus e a Ex-Nihilo na França, assim como, na Inglaterra, entre o Channell Four e a illuminations, produtora independente tão bem-sucedida que já realiza programas para a tradicional BBC.”

Para falar sobre essa integração foi programado um workshop para produtores nacionais com John Wyver, editor de TV do **Time Out** e **City Limits**, um dos fundadores da **illuminations**, e também produtor de programas exibidos no **Channell Four**, como a coletânea de videoarte **Ghosts in the Machine**. Haverá também reuniões de profissionais, em que estarão presentes o holandês Tom van Vliet, diretor do **World Wide Video Festival**, o inglês Rod Stone-man, da área de videoarte do **Channell Four**, os belgas Jean-Paul Trefois e Christianne Philippe, co-produtores do **Carré Noir**, programa da **RTBF**, o francês Pierre Bongiovanni, de **Montbéliard**, Dominique Thauvin, do **Canal Plus**, e Sandra Lisch, do **Ondavideo**, de Pisa.

Todos estarão acompanhando a competição oficial brasileira — neste ano, um total de cem vídeos em VHS e 57 em U-Matic foi inscrito no festival. A comissão de seleção, formada por Marcelo Tas, Geraldo Anhaia, Marcelo Machado e Gabriel Priólli, selecionou 15 trabalhos em bitola VHS e 25 em U-Matic, classificados nas categorias documental, musical, ficção e videoarte. O júri, formado por Tadeu Jungle, Ricardo van Steen, Doc Comparato, Isa Castro, Ricardo Nauenberg, Dênis Carvalho e Patrícia Travassos, escolherá os vencedores — cada categoria receberá NCz\$ 3.500 (U-Matic) e NCz\$ 2.500,00 (VHS) em prêmios. Os melhores vídeos, em cada formato, receberão, respectivamente, NCz\$ 5.500,00 e NCz\$ 4.000,00.

Além da mostra competitiva e internacional (veja abaixo), quem for ao Videobrasil terá oportunidade de ver as instalações **O Caminho das Vertigens**, de Sandra Kogut, uma plataforma com cabines individuais de vídeo e cinco monitores ligados simultaneamente; **Oremos**, de Éder Santos, uma nave de igreja eletrônica, em que monitores dispostos lado a lado dos bancos reeditam a peregrinação de Cristo ao Calvário; e **Adote um Satélite**, de Marcelo Mazagão, com simulacros de estruturas construídas em carcaças de televisores, satirizando programas de TV.



Solange Oliveira, coordenadora do Videobrasil: “A partir de agora, os videomakers brasileiros vão produzir com vistas para o mercado internacional”

Nacional

Na ficção, o melhor da mostra brasileira

Marcel Plasse

Especial para o Estado

O vídeo é, hoje, um brinquedo acessível. Arma de turistas e adolescentes em busca de diversão. O conceito do vídeo enquanto revolução estética está cada vez mais condicionado à tecnologia. O novo são as possibilidades gráficas dos computadores, da distorção da imagem manipulada eletronicamente. O resto é TV e derivados (cabo, satélite, tecnologia aplicada ao lazer doméstico), quadradinho como uma tela de imagem, ou, então, amador simplesmente. Esse dilema está bem representado nos 41 trabalhos selecionados para o Videobrasil.

O amadorismo dos inscritos com produções de VHS é natural. Os inscritos com produções em U-Matic, por outro lado, tentam seguir o padrão das redes de TV e veiculam imagens redundantes, especialmente na categoria documental. O saldo das duas bitolas não chega a diferir muito, no final. A impressão dos trabalhos é que se trata de programas feitos por estudantes de comunicação que não se cansam de perseguir os eternos temas “polêmicos” e “inovadores” — o vídeo **As Meninas**, por exemplo, insiste em abordar a prostituição. Um *deja vu* generalizado. Vale conferir; ainda assim, **Correspondentes Internacionais**, que daria um interessante especial do programa **Imprensa**, da **Record**.

A categoria videoarte é mais problemática. Era uma tentativa de fazer TV de vanguarda. Atualmente, sua linguagem é utilizada pela publicidade. Nada mais típico do que **Arteformaécitara**, descrito como “a relação harmônica entre o artesanal e o eletrônico, dentro da linguagem do vídeo, tendo como ponto de referência um fruidor (na sinopse está fluidor) da estética contemporânea”. Não passa de uma propaganda de jeans. Mas o cúmulo é **As Senhoritas de Avignon**, mero exercício de zapping. Os cliques seguem a mes-

ma tendência desalentadora. A publicidade nacional é muito superior aos vídeos concorrentes (de Ed Motta e Hanoi Hanoi) em sua conjugação de música, roteiro e imagem.

De todo modo, há trabalhos que apontam direções para a TV brasileira. Por ironia, pertencem à categoria de ficção, a mais cinematográfica de todas. O mineiro **Elixir do Pajé**, realização em U-Matic da VT-3 e Helvécio Rattoon, explora as possibilidades eletrônicas da inserção de texto escrito sobre imagens de maneira inovadora. Seu recurso superior às experiências de **Armação Ilimitada**, o programa que mais custou esteticamente na TV brasileira, faz deslizar na telinha palavras, frases e mesmo páginas inteiras do livro **Elixir do Pajé**, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1875. Trata-se de um poema erótico-cômico sob a forma de um monólogo entre um homem (Pereiro, impagável) e seu membro viril. A leitura desse poema é realizada por três colegas sapecas no cemitério onde está enterrado o escritor.

Outro destaque em U-Matic é **E o Zé Reinaldo**, **Continua Nadando?**, realização do Olhar Eletrônico

(que também inscreveu uma porção de bobagens, incluindo um vídeo de uma única gag, onde Sarney aparece discursando atrás de grades eletrônicas, em “cadeia nacional”, típico **TV Pirata**), com Adriano Goldman e Hugo Prata. A história é inacreditável. Ficção e realidade se misturam quando o dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri aceita desenvolver um texto sobre uma personagem de Mário Prata. Giulia Gam, ex-garota Telesp, interpreta uma telefonista que coloca Guarnieri a par de um complô assassino, conduzindo o vídeo para o clima de sátira aos filmes de suspense. O melhor, porém, é a edição. A rapidez e a fluência de seus cortes seguem a velocidade nervosa de um controle remoto.

Finalmente, **A Paixão Segundo Bruce**, de Luiz Duva e Beto Costa, surge como o melhor trabalho em VHS. A história é singela. Batman vive uma arrebatadora paixão sadomasoquista com o Coringa. São Paulo ao fundo. A edição da ação, com inserts de quadros, e a trilha bat-pulsante de Dudu Marote e Duva tornam o ultrajê divertidíssimo. Vai fazer sucesso entre a garotada.



Elixir do Pajé, da VT-3/Helvécio Rattoon, e E o Zé Reinaldo, Continua Nadando?, o Olhar Eletrônico



Elixir do Pajé, da VT-3/Helvécio Rattoon, e E o Zé Reinaldo, Continua Nadando?, o Olhar Eletrônico

Convidados

A sofisticação dos europeus

A mostra internacional do VII Videobrasil apresenta uma coletânea de 44 realizações da videoarte britânica da segunda metade dos anos 80 e sete programas da Ex-Nihilo francesa. Com curadoria de Paula Dip e Solange Oliveira, a seleção britânica reúne trabalhos da **Film & Video Umbrella**, uma das principais distribuidoras de filmes e vídeos experimentais de Londres, obras de Terry Flaxton, autor de uma série sobre videoarte para o **Channell Four** (além do primeiro vídeo de longa-metragem inglês, **Out of Order**), ficções de George Snow e George Barber, artistas consagrados do *scratch*-vídeo, e uma compilação de programas escoceses produzidos no **Duncan of Jordanstone College of Art Dundee**, considerado um dos mais importantes centros de formação de videomakers da Grã-Bretanha.

No plano formal, os vídeos percorrem o amplo leque de soluções visuais permitidas pelo meio. Combinam recursos de animação, que variam do sofisticado **Quantel Paintbox** aos mais simples truques óticos, sobreposições e dissoluções, repetições de imagem, técnicas de grafismo digital e

trocadilhos metalinguísticos. Na miscelânea de visões da cultura moderna veiculadas nesses vídeos, há espaço tanto para reflexões sobre os pecados cometidos por um tomate (**Tomato Martyr**, Christopher Rowland) quanto para a narrativa gótica da dupla de Georges (Barber e Snow), de quem a seleção traz vídeos da fase pós-*scratch*. — **The Venetian Ghost**, **The Man of the Growd** e **The Assignment** adaptam histórias de fantasmas, em que o universo surreal de Edgar Allan Poe é redimensionado dentro da estética de *computer graphics*.

Entre os vídeos obrigatórios também está **The World Within Us**, de Terry Flaxton, da série **Ghosts in the Machine**, produzida pela **illuminations** para o **Channell Four** em abril de 88. Na seleção francesa, além dos programas da série **Avance Sur Image** (Ex-Nihilo **Canal Plus**), a mostra exhibe trabalhos de Michel Jaffrenou, Patrick de Geetere, Cathy Wagner, Hervé Nisic e Zbigniew Rybczynski (**The Fourth Dimension**), artista que explora técnicas ultramodernas de computação gráfica (seguidas, de restos, no Brasil, por Hans Donner na abertura da novela **Tieta**). (M.N.).



O inglês John Wyver (ao lado), um dos fundadores da **illuminations**, realiza um seminário para produtores nacionais. Abaixo, alguns convidados para um encontro de profissionais, os belgas Christianne Philippe e Jean-Paul Trefois, co-produtores do programa **Carré Noir**, da **RTBF**, e o francês Pierre Bongiovanni, responsável pelo Festival de **Montbéliard**

